

## Tudo de Novo

As horas pareciam intermináveis, o pessoal não tirava os olhos do relógio e nada de chegar a hora de ir para casa. O pior de tudo é que sempre tem um engraçadinho que repete aquela frase sem graça, achando que está agradando:

- Dá meia noite, mas não dá a hora da gente ir embora.

O tempo estava congelado e a mão da ansiedade parecia puxar os ponteiros para trás. Foi quando se ouviu um medonho grito de horror, misturado com desespero, ou qualquer coisa deste tipo. Os cabelos arrepiaram-se pelos corpos e por alguns segundos todos ficaram tal qual o ponteiro do relógio. Congelados.

O segundo grito veio, e este, diferente do primeiro, fez todos os alunos levantarem das carteiras e os professores, instintivamente, irem em direção da porta.

A sequência de frenéticos e pavorosos gritos a partir daquele instante instaurou um verdadeiro caos na escola. Os professores saíam das salas seguidos pelos alunos, que arrastavam carteiras e espalhavam os materiais escolares pela sala e pelos corredores.

Todos estavam pelos corredores da escola e não era somente um grito feminino que se ouvia agora. Vários outros gritos misturavam-se ao original, que a esta altura, já não se sabia de onde vinha e quem era o dono.

O caos parecia não ter fim, então a correria foi diminuindo, a gritaria parando e todos foram ficando estáticos diante da gélida figura da menina, que agora podiam perceber ser dona dos pavorosos gritos.



A Menina estava no meio do pátio, ancorada no mesmo pilar que servira de apoio ao Pedrinho no dia anterior. Sua aparência estava terrível, os olhos esbugalhados, a cor branca, o suor gotejando por todos os orifícios de sua pele e sua respiração ofegante, davam a impressão que a ancorada havia acabado de fugir da jaula de um leão faminto.

Todos foram rodeando a apavorada criatura como se esta estivesse cercada por um cordão de isolamento invisível, todos mantinham praticamente a mesma distância da Menina, até que a Diretora rompeu o cordão de isolamento para acudi-la.

A Diretora aproximou-se, apoiou a Menina nos braços e perguntou:

- O que foi que aconteceu?

A Menina olha para a Diretora e diz:

- Uma loira.

A Diretora imediatamente arrasta a Menina por entre os outros alunos em direção à sua sala, ao mesmo tempo em que emite a ordem:

- Voltem para as suas salas. Não foi nada. Foi só um susto.

E desta vez não houve ensaio de vaia. Um murmurinho extremamente íntimo entre os alunos e entre os professores ocupava o ar, juntamente com o barulho do pessoal retornando pacificamente para as salas de aula.

Todos estavam assustados. Mais assustados do que curiosos. O silêncio sobre o assunto certamente retratava o medo. Medo não se sabia do quê, talvez do desconhecido. Talvez de tornar o desconhecido em conhecido. Fato é que a cumplicidade instalou-se na escola, e apesar de estar claro de que nada estava normal, todos fingiam que nada de anormal havia acontecido ou estava acontecendo.

Os professores continuavam suas aulas do ponto em que haviam parado, os alunos fingiam prestar atenção e tudo seguia falsamente normal como se os minutos anteriores não tivessem existido.

Um lapso temporal se estabeleceu, falsamente, pois a lembrança dos pavorosos gritos não permitia que as mentes esquecessem o tempo passado, e por mais que alguns se esforçassem para tornar as coisas normais, tudo parecia soar falso, pois o que todos queriam não era voltar à aula como se nada tivesse ocorrido.

O que todos realmente queriam era falar sobre os fatos estranhos que estavam ocorrendo na escola naqueles últimos dias, mas ninguém se atrevia.

Capítulo do livro “Ele, Lá e os Outros”, de Percival Tadeu Figueiredo.